ÍNDIOS TREMEMBÉS

TH. POMPEU SOBRINHO

Os índios Tremembés, de entre os antigos habitantes do Ceará, são talvez, ainda agora, os mais misteriosos e desconhecidos.

Este pequeno grupo ameríndio, registado nas crônicas coloniais, com a sinonímia homófona de Tremembé, Tramembé, Tramambé, Teremebé, Taramembé ou Taramambé, etc.. forneceu aos cronistas do XVII século interessante material histórico e curiosas referências, não só por cousa de singularidade do seu modo de vida e do seu *habitat* como especialmente pelas lutas e perseguições que lhe moveram outros índios e os colonizadores portugueses.

A história colonial deste povo, malgrado a ignorancia da sua etnografia e da sua etnologia, apresenta-se relativamente longa. Dele se ocuparam aventureiros espanhóis, cronistas franceses e portugueses, e administradores das Capitanias do Ceará e do Maranhão. Por este meio, chegaram até nós alguns escassos elementos da sua somatologia e da sua cultura, porém nada absolutamente das suas origens ou proveniências.

As fontes de informações mais autorizadas que conseguimos examinar encontram-se nos relatos do célebre cronista Pedro Mártir de Algéria, ao descrever a aventurosa expedição de Vicente Yanez Pinzón, de Dezembro de 1500 a Setembro de 1501, pelas costas da América do Sul Nordeste do Brasil, Venezuela e Antilhas, *in* Livro IX, Cap. I da sua "Primeira Década", escrita logo após a volta do almirante espanhol.

Cerca de um ano e meio depois de Pinzón, o piloto Américo Vespúcio, que viera na primeira expedição exploradora da costa brasileira, mandada em 1501 pelo Rei de Portugal, descrevendo um episódio ocorrido nas praias do Ceará, onde abicara a pequena frota, perto da barra do rio Curu, em pleno domínio dos índios Tremembés, regista fantásticas noticias destes ameríncolas. Não obstante, é possível colher algumas breves informações úteis relativamente aos nativos. O cosmógrafo florentino na *lettera* relativa á sua terceira navegação (De Tertio facta Navegatione) e Mártir d'Angléria foram os primeiros europeus que trata-

ram destes indígenas, embora o tenham feito muito parcimoniosamente, sem mesmo lhes mencionar a denominação tribal.

Desde então, sómente depois de mais de um século aparecem informes interessantes a respeito dos Tremembés. No começo do XVII século o Capuchinho francês Padre Ivo d'Evreux, no relatório da sua "Viagem ao Norte do Brasil" e no meado dessa mesma centúria, o Jesuíta João Filipe Betendorf (1649) na "Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão" nos legam as mais interessantes e amplas notícias dos Tremembés. Contudo, estas notícias estão moito longe de serem completas ou mesmo suficientes para nos darem idéia conveniente da antropologia física e social destes índios.

Além destas fontes, importa colher informes ou vagas notícias, perdidas em raros documentos oficiais ou particulares, vários dos quais foram mais ou menos utilisados na composição deste artigo.

* * *

Habitavam os Tremembés as práias e estuários cobertos de mangues dos rios do nordeste do Brasil, desde a foz do rio Gurupí até a foz do rio Apodí, isto é, toda a costa dos atuais Estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Quando os primeiros exploradores europeus perlongaram estas costas, ainda os Tremembés as percorriam na indicada extensão; mas no correr do XVI século essa área de dispersão experimentou um notável retraimento. Os colonizadores na primeira metade do século seguinte sómente encontraram estes indigenas nas praias, da baía de S. José no Maranhão á foz do rio Curú, no Ceará.

Não há dúvida de que anteriormente o seu *habitat* ia além do promontório da Jabarana (ponta Grossa) na costa do actual Municipio do Aracatí, onde os encontrara Pinzón, em 1500. Efectivamente, ainda agora existe, entre aquele promontório e a foz do rio Apodí, uma enseada que conserva a denominação de *Tremembé,* recordando a gente que por alí outrora vivia.

Há indícios de que este povo estranho habitara certos trechos das praias do sul do Brasil. Em S. Paulo é conhecido o topónimo Tremembé; mas, indícios mais positivos, parece, indicam que nas costas dos Estados do Rio Grande do Sul até a do Rio de Janeiro viveram pre-tremembés.

Das costas do Maranhão, além do golfo e da ilha, certamente, foram expulsos pelos *Tupinambás,* já na última metade do século XVI. Ainda alí foram encontrados pelos remanecentes da armada de João de Barros, Aires da Cuhna e Fernão Alvares, em 1535. Ao que parece, ainda lá estavam no meado do século, quando na ilha desembarcaram os filhos do célebre cronista. Foi, entretanto, por esse tempo que os *Tupinambás,* egressos do Caeté (Pernambuco) pela colonização portuguêsa, alcançaram entre outras a região litoránea do Maranhão e a fertilíssima ilha que chamaram de ...

Os Tremembés expulsos pelas numerosas ordas tupis, seus inimigos irreconciliáveis, concentraram-se nas praias dos Lençóis, delta do Parnaíba e estuário dos rios Timonha, Camucim e Acaraú, que lhes proporcionavam abrigo relativamente seguro.

Na sua visita ás costas cearenses Pinzón não conseguiu contacto directo com os nativos do cabo de Santa Maria de la Consolación; notou porém que eles usavam bons arcos e lanças. Na sua segunda estação, em Rostro Hermoso, (Mucuripe) observou-os mais detidamente. Verificou que pernoitavam ao ar livre e acendiam fogos, dando a impressão que havia alí um acampamento. Percebeu também que "eram mais altos do que germanos ou húngaros". Informaram ainda os expedicionários, sob juramento, a Mártir que as pégadas dessa gente igualavam quase o dobro da do homem médio da Espanha.

Sem dúvida, pois, tratava-se de gente de elevada estatura.

Da narração deduz-se que houve conflito entre os espanhóis e os índios e que estes não se deixaram aprisionar. No golfo do Maranhão Pinzón fez desembarcar uma força considerável, travando-se com os nativos sério conflito de que resultaram mortes de lado a lado. Entretanto, os expedicionários não lograram aprisionar nenhum indígena, gente, como informaram, de turva catadura, desconfiada e violenta. Este turvo olhar e a surpreendente reação dos nativos do Ceará e do Maranhão indicam que se tratava do mesmo tipo étnico, o qual contrastava singularmente com o que fora encontrado mais adiante, em Santa Maria de la Mar Dulce. (boca do rio Amazonas). Alí, achou Pinzón gente confiada e sociável, conseguindo os espanhóis aprisionar e conduzir como escravos um certo número de indigenas. Os habitantes das costas do Ceará e do Maranhão, que se não deixaram colher, e lutaram valentemente, eram *Tremembés;* os do Amazonas, pacíficos e confiados, eram *Brasílidos*, provavelmente Aruaques. A estatura média ou baixa deste não inpressionara os nautas, como ocorrera no Ceará, onde viram gente alta e sobremodo robusta.

Os expedicionários portuguêses de 1501, que alcançaram a costa cearense perto da barra do rio Curu, em pleno domínio dos índios *tremembés*, segundo Américo Vespúcio (Terceira Navegação), encontraram numerosa população indígena. A ficticia narrativa do cosmógrafo florentino deixa, contudo, ressumbrar a verdade de modo suficiente para que se ajuize das relações entre os expedicionários e nativos. Ocorreu um conflito e os portugueses se viram obrigados a embarcar precipitadamente, depois de haverem perdido 3 homens na luta. Parece que os indígenas não sofreram nenhuma baixa apesar de atacar violentamente os marinheiros nos seus botes e com arcos e flexas. A valentia e coragem dos nativos, a situação do lugar onde os portugueses ancoraram, não deixam dúvidas sobre que os nativos ali encontrados eram realmente *Tremembés.*

O Pe. Ivo d'Evreux informa que a nação *Tremembé* morava além da

montanha do Camucim (o padre escrevia na ilha do Maranhão), nas planícies e areias da banda do rio Tirí, (?), não muito distante das Árvores Secas e das Areias Brancas (Lençóis) e da pequena ilha de Santana. Acrescenta que por este tempo (começo do XVIII século) atacaram de surpresa aos *Tupinambás* da Ilha (S. Luís) matando e cativando muitos destes índios. A represália foi organizada pelos Tupís e franceses. Sob o comando do chefe *Jupí-assú,* uma força armada partiu para as praias dos *Tremembés,* mas, todos os esforços empenhados não surtiram efeito. Encontraram os expedicionários muitos mortos insepultos com a cabeça rachada e sobre os seus corpos os machados de pedra, com que haviam sido sacrificados e um unico tupinambá vivo que lograra se ocultar, escapando ao morticínio. Tinham os *Tremembés* por costume deixar sobre o cadáver a arma assissina e não mais dela se servirem. Um principal *Tupinambá* presenteou o Padre com um destes machados, ainda tinto de sangue, com alguns cabelos e restos da massa encefálica aderentes. Tinham tais machados a forma de crescente, e eram muito bem polidos e trabalhados com esmero. A confecção desta arma obedecia a curioso ceremonial e sómente se processava á luz da lua no quarto crescente, durante toda a noite. Acreditavam que indo a guerra com o instrumento assim preparado nunca seriam vencidos. Enquanto os homens e as mulheres se entragavam ao paciente labor, as moças e meninas dançavam em frente das suas choupanas.

O Capuchinho francês acrescenta que os *Tremembés* são valentes e temidos pelos *Tupinambás;* de estatura regular, alimentam-se ordináriamente de peixes, porém vão algumas vezês a caça; não gostam de fazer hortas (agricultura) nem casas; moram sob choupanas; preferem as planícies ás florestas. Não conduzem muita bagagem, contentando-se com os seus arcos, flechas, machados, algumas cabaças para água e panelas para cosinhar a comida.

Pescam a flecha — continua o mesmo cronista — e o fazem com mais dextreza do que os *Tupinambás.* São tão robustos que seguram pelo braço um dos seus inimigos (Tupinambá) e atiram-no ao chão, como se fosse um capão (galinha). Ordináriamente, dormem na areia, ao ar livre.

Temos aí um pequeno mas precioso esboço da antropologia Tremembé.

Quase meio século depois de Ivo d'Evreux ter escrito estas notas de sua curiosa *Viagem ao Norte do Brasil,* o Jesuíta J. F. Betendorf, na sua "Cronica da Companhia de Jesus na Maranhão" (Cap. 5°, do Livro 6°) regista algumas notas úteis ao conhecimento deste povo. Ensina-nos Betendorf que os *Tremembés* possuíam pequenas canoas de pesca e cães de caça. Confirma a valentia e robustez dos homens e o seu *habitat* nas praias marinhas do Ceará, Piauí e leste do Maranhão.

Como estes selvagens, que defendiam valorosamente os seus domínios

ameaçados pelos colonizadores portugueses, tivessem morto uns naúfragos escapos de um navio que se perdera nos baixos de S. Roque, as autoridades do Maranhão, tendo a frente o Governador, resolveram tomar terrível vingança, para o que organizaram aparatosa e forte expedição, comandada pelo Capitão-Mór Vital Maciel Parente, e na qual seguiam também dois padres da Companhia de Jesus. No dia 6 de Junho de 1679 a tropa surpreendeu os incautos *Tremembés*, que granjeavam alimento nas suas praias; atacou-os e desbaratou-os com alguma dificuldade. A vingança foi cruel e terrível; os homens, as mulheres e as crianças foram sem misericordia sacrificados barbaramente. O furor dos civilizados era tamanho que, como escreveu o Governador, os vencedores, "tomando as crianças novas pelos pés, matavam-nas dando-lhes com as cabecinhas pelos troncos das árvores". Esta tremenda vitória foi celebrada em S. Luís com festas e foram todos, diz Betendorf, á igreja Matriz dar graças a Deus e á Virgem Senhora Nossa da Vitória, pelo bom sucesso da empresa!

Paulino Nogueira, conspícuo historiador cearense, foi seguramente informado, bem como outros investigadores, de que os *Tremembés* eram eximios pescadores de tubarões, tão abundantes nas suas costas. Nas pequenas canôas ou jangadas aventuravam-se mar a dentro, como ainda agora fazem os seus descendentes semi-civilizados. Não iam sempre a busca de cavalas ou garopas, mas dos terríveis esqualos, cujos dentes empregavam como ponteira nas suas flechas. Ao pressentirem a féra arrojavam-se ao mar com um pau biapontado, de tamanho adequado, preso ao meio numa corda comprida, cuja extremidade era fixada á frágil embarcação. Quando o tubarão investia, esperava-o o pescador calmamente e, logo que abria a larga boca, lhe ajustava convenientemente o pau entre as mandíbulas, de modo que, ao fechar a boca violentamente para segurar o braço do índio, o pau se cravava fortemente numa e noutra mandíbula. Isto feito, restava rebocar a fera para terra, depois de morta a pauladas.

Além dos enormes tubarões, caçavam as grandes tartarugas marinha, tão comuns, ainda hoje, nas praias arenosas do norte deste Estado. Possuíam arpões de vários tipos, fusos de fiar algodão, cujo volante era uma vértebra de peixe, conforme o modelo existente no Museu Histórico do Ceará.

Possuimos amostras de cestos, curiosamente trançados de palha de carnaúba, e um arco de secção circular, não muito grande e flechas com ponteiras de ferro (coloniais).

As perseguições aos *Tremembés*, oriundas especialmente do Maranhão, fizeram nos derivar mais para o lado do Ceará no século XVIII, onde se foram acomodando com os colonos.

Em 1702 fundou-se a aldeia de Almofala, perto da barra do rio Aracatí-mirim, poucas léguas a leste do estuário do rrio Acaraú. A missão,

confiada aos cuidados do Padre José Borges de Novais, prosperou e recolheu ao seu seio os índios dispersos da região. O zeloso missionário construiu uma excelente igreja, de estilo arquitetónico sensívelmente diferente do que era comum nas aldeias orientadas por jusuítas. Ainda agora, por ali se encontram os mais autênticos remanecentes dos *Tremembés,* com o seu fácies especial, mas num miserável estado de aculturação. Mais tarde, em 1722, o Padre João Tavares, conhecido como o "apóstolo dos *Tremembés",* aldeiou as suas relíquias na missão de Nossa Senhora da Conceição de Tutóia, onde hoje está a cidade deste nome, no Maranhão.

Em 1730 ali existiam 233 índios pagãos que, com os batisados eram eficazmente protegidos contra a cupidez dos colonos, pelo Governo Provincial, que concedera aos indígenas 4 léguas de terras excelentes na ilha do Cajueiro, no delta parnaibano. Os *Tremembés* tornaram-se criadores de gado; e 20 anos depois de, ali aldeados, a fazenda do Cajueiro produzia o suficiente para o sustento da povoação e subsistência das casas jesuíticas do Maranhão. (Ver Hist. da Comp. de Jesus do Pe. Serafim Leite, Vol. III, Cap. VI).

Esta mudança no género de vida mostra a facilidade de adaptação deste povo a uma economia diversa da que lhe era própria, do que se infere o grau de sua plasticidade intelectual, conquanto, nestas circunstancias cumpre ter também em vista o espírito organizador do diretor jesuíta da missão.

* * *

As noções históricas que vimos de sumariar permitem fazer o seguinte resumo étnico-cultural dos *Tremembés.* Acrescentaremos alguns elementos colhidos no local, pelo Dr Carlos Estêvão, pelo Dr. Florival Seraine e notas inéditas, alhures coligidas por nós próprios.

Caracteres *morfo-fisiológicos*: Elevada estatura e grandes pés; grande robustez e força física.

Caracteres *etnológicos*: 1) alimentação — especialmente peixe, carne (caça); preparo e cozimento dos alimentos (panelas). Cerámica grosseira, cabaças para a condução de água; bebida fermentada preparada com o suco do cajú. Este fruto era um interessante alimento no último quartel do ano. A grande tartaruga das praias era ávidamente caçada. Os ovos de aves aquáticas e a caça a estas, que abundavam nas florestas e lagoas litoráneas, gozava de especial importância. A pesca, porém, era preferida; usavam o anzol de osso e um pequeno arpão, mas, eram particularmente peritos no flechar os peixes de vulto médio. 2) Agricultura — pequenas roças de mandioca; provávelmente plantavam também algodão, pois possuíam fusos; talvez milho, visto como nas suas praias se tem encontrado numerosas moletas de pedra. Entretanto, afirma Ivo d'Evreux, não gostavam de fazer hortas (agricultura), actividade, certamente adquirida por empréstimo não muito antigo. 3) Animais domésticos — possuiam o cão; desde quando, não se sabe, porém, provávelmente era este animal de origem

colonial. 4) Indumentária e adornos — de positivo nada sabemos a respeito. Como fiavam, é de crer que preparassem também algum tecido, faixas estreitas, etc. para uso pessoal. Não tinham redes de dormir, por isto que o faziam no chão, de preferência nas areias das práias. 5) Casa e aldeias — moravam em choças construídas com ramos de árvores ou fôlhas de palmeiras; nada se sabe quanto as suas aldeias. (6) Indústrias — os seus principais utensílios eram machados de pedra, que sabiam encabar; alguns, priscipalmente os usados na guerra, tinham a forma de crescente (semi-lunar). Estes eram especialmente muito bem polidos. Na sua área de dispersão encontram-se muitos outros objetos de pedra, como punções, raspadeiras de peles, etc. A cerâmica era muito rudimentar. Confeccionavam cestos com palha de fôlhas de carnaubeiras; provávelmente também teciam esteiras com este material. 7) Guerra e armas — de ordinário, atacavam os inimigos de surpresa, para o que sabiam preparar intersessantes planos estratégicos. Defendiam-se bravamente quando atacados e quando se sentiam fracos, fugiam para impenetráveis abrigos nos canais e meandros fluviais dos deltas e estuários, cobertos de espessos mangais. Para isto dispunham de pequenas e volozes canôas e boas pernas habituadas á marcha nos areiais. Como armas empregavam o arco com flechas relativamente pequenas, lanças, machados de pedra encabados. Não sabemos se usavam também o propulsor. As pontas das suas flexas eram de osso acerado de dentes de tubarão. Actualmente usam ponteiras de ferro.

Como exemplo de sua estratégia vejamos um episódio bem conhecido. Quando o Padre Pedro Pedroso, em 1656, vinha do Maranhão para o Ceará, pela costa dos *Tremembés,* com vários companheiros, índios catequizados e uma escolta de numerosos soldados lusitanos, encontrou-se com um bando destes *Tremembés,* chefiado por um tal Tatuguaçu, ocorreu um incidente muito expressivo. Este principal estivera pouco antes no Maranhão com o intuito de fazer pazes com o Governador André Vidal de Negreiros. Recebera a comitiva com cortezia para lhe inspirar confiança, mas, mesmo assim, fez sentir o desgosto de ver as suas terras invadidas por gente estranha, pois isto lhe parecia injusta violação dos seus direitos. Não encontrando da parte dos estrangeiros a este respeito uma idéia conciliatória feliz, resolveu trucidar toda a comitiva, esquecendo o acordo anteriormente celebrado com o Governador. Como o seu poderio não fosse suficiente para atacar de frente, imaginou o seguinte plano, baseado no princípio de dividir para enfraquecer: convidou, então, os indígenas da expedição para uma pescaria que se realizaria a certa distância do acampamento, logo ao escurecer daquele dia; combinou com os soldados portugueses, cuja lubricidade conhecia, mandar-lhes algumas mulheres; e preparou a sua gente, oculta nas moitas próximas, para um ataque violento, no instante propício. Felizmente a experiencia dos padres, ante a velada atividade dos *Tremembés,* especialmente do seu chefe, despertou suspeitas,

e foram tomadas as necessárias providência para fazer abortar o plano sinistro.

8) Casamento e família — nada conseguimos saber a este respeito.

9) Organização política e governo — também não nos foi possível algo de útil vislumbrar neste sentido. 10) Religião e magia — eis outro campo virgem para ser explorado. Notaram os primeiros missionários do Maranhão a dificuldade de lhes incutir idéias religiosas, conforme faziam ou conseguiam entre os Tupinambás. O Pe. Betendorf ficou escandalizado quando um chefe *Tremembé*, a que procura doutrinar no colégio do Maranhão, lhe disse *"céu não presta para nada, só a terra sim, esta é boa"*. Para o índio, só a terra era boa, porque lhe dava peixe e carne com que se alimentar. Ao que parece, a chuva que fertilizava o solo era condição, não do céu, mas, porventura, de alguma cousa sujeita a força da magia de algum feiticeiro da tribo.

11) Divertimentos, dansas ou práticas relacionadas com a magia.

A respeito destas atividades da vida psíquica, apenas conhecemos o que recentemente colheu o Dr. Florival Seraine, nas praias de Almofala, onde teve oportunidade de assistir á festividade que os índios chamam *torém*. Trata-se, diz o Dr. Seraine, de uma dansa imitativa, pantomímica, dirigida por um índio, que se coloca no interior de um circulo formado por dansadores, o qual executa os movimentos coreográficos próprios, cantando esquisita melodia. No curso da dansa é distribuído entre os executantes uma bebida fermentada, preparada com o suco do cuju (mocororó). Uma mulher se encarrega desta distribuição e, ao fazê-lo, canta, sendo o canto repetido em coro pelos que dansam. (Ver "Contribuição ao Estudo da Influência Indígena no Linguajar Cearense", de F. Seraine, *in*- Tomo LXIV, 1950 da Rev. do Instituto do Ceará).

A lingua dos *Tremembés* é desconhecida. Dela restam apenas algumas palavras com significação desconhecida, um único antroponimo e alguns toponimos. O Dr. Seraine colheu o texto de algumas estrofes do canto recitado no *torém*, mas, apenas uma palavra oferece significação positiva: *aguaím*, maracá. Os demais vocábulos são *Quirárá* que parece nome de animal, *vidiú, taía, gurecê, pôpê, jári* que parece o nome de alguma divindade, *mivê, agui, mãnin, mãnima, cerecê, canungadiá, andê êdíri dirirá, di, candugá, nagûra, guainxê, ariguê*.

O antropónimo é Midinapá, nome de um herói tremembé que, já ferido numa luta desigual com as tropas do Maranhão, e sem poder manter-se de pé, ainda pelejou valorosamente até morrer. Os topónimos que colhemos são acuma, nome do actual rio Juá; *aguamamune*, nome das serranias que se avistam desta Capital; *ariama* nome de serra; *catifim*, nome do rio Acaraú; *cauron*, nome do rio Curu; *curujone*, aplicado a um braço do delta do rio Acaraú; *josará*, denominação antiga do rio Timonha ou, talvez, seu

afluente Ubatuba; *Curubon* ou *conuron* nome de uma ilha; *estaju,* pequeno morro na costa do Acaraú, Tutóia, nome de lugar.

* * *

Quanto á ORIGEM dos *Tremembés,* os fatos acima relacionados e outras circunstáncias, que devemos adequadamente considerar, autorizam a hipótese de que se relaciona com elementos humanos da corrente migratória de mesolíticos, que contribuira primeiramente para o povoamento inicial do continente americano. Esta é a terceira corrente migratória, oriunda de Sibéria, que alcançou o Novo Mundo pelo estreito de Bering.

Eram os imigrantes da terceira corrente gente de aparencia mongolóide como os nossos Tremembés, o que certamente, a relaciona mais ou menos com os povos do oriente asiático. A sua cultura de fundo marinho refere-se especialmente á pesca e a caça de mamíferos do oceono, tendo notável destnvolvimento os objetos de osso. Usavam machados de pedra e pontas de lança deste material. O espírito artístico era apenas um pouco mais desenvolvido que o dos representantes das correntes anteriores (paleoliticos). Moravam em choças semi-subterráneas, circulares, com o tecto coberto de terra. Alimentavam-se de carne de baleia e foca: possuíam uma grosseira ceramica e haviam domesticado o cão.

Nestas populações se distinguem dois tipos diversos: um camecraneo, mesocéfalo, mais ou menos mongolizado e outro hipsidolicocéfalo. A cultura do primeiro é economicamente baseada numa adaptação da pesca e caça marinhas. É curioso que estes sistemas econômicos se conservem até o presente entre os seus descendentes. Os descendentes deste povo continuam morando em choupanas semi-enterradas, mas, agora, tanto circulares como quadrangulares; a indumentária, sempre que possível, é ainda de pelos; os barcos forrados de couro ou de cascas de arvores; os trenós e cães ainda estão a seu serviço, nas regiões árticas. Tinham como arma de arremesso o propulsor. A cultura espiritual deixou vestigios na cremação dos cadaveres, no shamanismo e nas danças mascaradas.

Esses pre-esquimós ao chegarem a península de Alasca, com o seu aspecto étnico, não muito homogêneo, instalaram-se inicialmente nas costas N-W da América setentrional, numa faixa estreita ao longo do Pacífico.

Como era de esperar, mais tarde, dois tipos caracterizaram-se: um, o que parece de origem mais antiga, com dolicoidismo potencial, manifestando-se aqui e ali; outro, braquióide, agora dominante naquela região e suas vizinhanças.

Esta gente compreende presentemente 3 grupos, com várias famílias étnico-culturais distintas. Todas com um fundo cultural comum, baseado na pesca fluvial ou costeira e uso do arpão. Narra o sábio antropologista S. Canals que "por toda a parte há evidente e sugestiva afinidade antropológica entre as populações da costa N-W e as da Sibéria".

No setor meridional daquela costa encontram-se numerosos concheiros ou sambaquís, indicando a existência de uma antiga população de pescadores, composta de dois tipos humanos diferentes. A cultura primitiva evoluiu; apareceram cachimbos tubulares de pedra, certa arte de estilo geométrico, enterros de cadáveres recobertos de pedra e terra, parcialmente cremados, como encontramos na gruta do Magé, em Quixadá, e Carlos Estêvão, na gruta do Padre, no rio S. Francisco.

Os descendentes desta terceira corrente migratória deram origem aos seguintes tipos étnicos, até o presente conhecidos:

Na América do Norte:

I — Esquímido;
II — Pacífido;
III — Califórnido.

Na América do Sul:

I — Fuéguido;
II — Nordéstido.

Este último, cumpre observar, é ainda problemático, e relaciona-se com o assunto principal deste artigo.

Os Esquímidos, atuais esquimós, não nos interessam aqui, e o mesmo se pode dizer dos Pacífidos.

O tipo *Califórnido,* porém, já reclama alguma atenção. Conquanto os primeiros mesolíticos fossem de baixa estatura (esquímidos). relativamente dólico-hipsicráneos, os *Califórnidos,* que chegaram depois, numa segunda vaga imigratória, eram altos, apresentavam acentuado mongolismo e relativa camecrania.

Este grupo, oriundo da costa do N-W, ao contrário do Pacífido, que se internou no continente, prosseguiu lentamente, perlongando o litoral para o sul, indo ocupar as costas da Califórnia. Mais tarde, os Califórnidos continuaram pela mesma costa e no mesmo sentido, até que os seus descendentes já um tanto diferenciados chegaram ao extremo meridional do continente, gerando o tipo *Fuéguido,* atualmente bem caracterizado.

Esta expansão, porém, não findou alí; prosseguiu, contornando o extremo do continente e ganhando as ribas do oceano Atlantico, pelas quais estes mesolíticos seguiram, rumo norte, paulatinamente.

Admitimos que alcançaram as costas brasileiras. Nesta secular e extensissima marcha, deixavam aqui e alí inequívocas marcas e vestígios da sua passagem. Não é dificil discernir, perdidos nesta imensa linha de costas, restos ou lembranças da cultura específica destes pescadores marinhos. A expansão dos mesolíticos ia frequentemente encontrando elementos humanos da primeira e da segunda corrente. Do cruzamento com

estes povos arcáicos e do isolamento relativo em certas costas geravam-se os novos tipos étnicos culturais, Califórnidos, Fuéguidos, Pre-Nordéstidos e, finalmente os Nordéstidos, representados, segundo nossa hipótese, pelos Tremembés. E' possivel que os Muras, do Amazonas tenham igual procedencia.

Os remanecentes marinhos seriam os *Tremembés,* os fluviais, os *Muras.* Ao que parece, a área de formação do tipo Nordéstido seria a costa nordestina do Brasil, do cabo de S. Roque á baía do Maranhão ou foz do Gurupí. Os *Muras,* povo ictiófago e pescador, de baixa estatura, vivia no século XVIII no rio Madeira, e nas suas canoas de cascas de árvores cosidas caçavam mamíferos aquáticos com arpão. "Seria, como observa S.F. Canals, como se os *Muras* tivessem conservado na região amazônica a atividade típica marinha dos nossos mesolíticos. Porém, como não havia focas, o que caçam são tartarugas e manatins". Ora, em vários pontos do baixo Amazonas tem-se encontrado sambaquís tais como o de Taperinha, perto de Santarém, Pinheiro na região de Belém, Cachoeira na ilha de Marajó, etc. assinalando um itinerario de pescadores. Canals presume com bons fundamentos que os *Muras* se podem filiar á corrente mesolítica.

Diremos dos *Tremembés,* análogamente, que como não tinham focas para caçar no mar que dominavam, caçavam as grandes tartarugas das praias do norte do Ceará e os terríveis esqualos que pululam perto das costas do Maranhão ao Ceará.

O misterioso povo a que perteciam certos esqueletos dos mais antigos sambaquís do sul do Brasil, talvez se possa identificar aos de origem mesolítica, do NW americano, senão, menos remotamente, a' gente desta cultura do sul da América meridional, *fuéguidos,* por exemplo, etc. Um trabalho comparativo de elementos de cultura neste caso, deve, sem dúvida, considerar as influências impostas pelo tempo, pela geografia litoráneas, diversa e pelos contactos com civilizações diferentes no curso de tão dilatada derrota.

Fica a hipótese para ser estudada com cuidado, presentemente, as objeções que se lhes podem arguir são, pelo menos aparentemente, de pouco peso e, é de crer, possam ser mais ou menos facilmente contornadas desde que se adquiram dados mais completos relativamente aos Tremembés e aos pescadores construtores daqueles antigos sambaquis do sul do Brasil.